

JORNAL DA KRIYA YOGA DE BABAJI

VOLUME 29 | NÚMERO 2 | INVERNO 2022

Publicado quadrimestralmente por Babaji's *Kriya Yoga* and Publications, Inc.

196 Mountain Road P.O. Box 90 - Eastman, Quebec, Canada JoE 1Po

Tel. (450) 297-0258 | fax: 450-297-3957 | info@babajiskriyayoga.net | www.babajiskriyayoga.net



Sumário

1. Vamos celebrar e honrar a liberalidade do Yoga Siddhantam, por *M. G. Satchidananda*
2. Eu Sou porque você me ama, por *Durga Ahlund*
3. Como se reconectar ao Guru, por *M. G. Satchidananda*
4. Yoga é um caminho de sabedoria e amor, por *Dr. TN Ganapathy*
5. *Acharya Chandra Devi*, novo membro da Ordem dos Acharyas
6. Notícias e Notas



1

Vamos celebrar e honrar a liberalidade do Yoga Siddhantham

Por M. G. Satchidananda

Vivemos um período de profundas mudanças, nascidas das novas tecnologias, das redes sociais, da globalização da economia e do aquecimento do clima. Existem forças e sistemas de crenças que nos dividem mais do que nunca, dependendo de aceitarmos ou resistirmos às mudanças.

O *Yoga Siddhantham*, os ensinamentos de sabedoria profundamente liberais dos *Siddhas*, podem nos ajudar a abraçar a mudança para realizar nosso divino potencial humano. Antes de elaborar sobre isso, será útil apreciar como a base ética liberal da civilização e da cultura ocidentais evoluiu, e como ela sustenta os valores da maioria de nossos leitores. Também será útil entender porque a liberalidade orienta o *Yoga*.



Liberalidade

O termo liberalidade tem origem na palavra latina “*liber*”, que significa “livre e generoso”. Cícero, em seu “Sobre os Deveres” (44 a.C.), e mais tarde Sêneca, em “Sobre os Benefícios”, elaboraram sobre as atitudes que isso exigia: “uma disposição altruísta, generosa e agradecida”. O objetivo da educação em artes liberais era preparar para uma vida ativa e virtuosa, como um líder que pudesse pensar corretamente e falar com clareza, em vez de se preparar para uma vocação ou para a aquisição de riqueza. Seu oposto era “egoísmo”, conhecido como “escravidão”, que envolvia pensar ou agir apenas para o próprio lucro ou prazer.

Na Idade Média, a “liberalidade” foi sobreposta aos valores cristãos de amor, compaixão e, acima de tudo, caridade. Deus foi liberal em sua misericórdia, assim como Jesus o foi com seu amor. Portanto, os cristãos deviam imitar a Deus, amando e dando em troca.

Durante o Renascimento, as bíblias protestantes ajudaram a difundir a noção de que a “liberalidade” era um imperativo cristão universal. A bíblia do Rei James usou o termo “liberal” no sentido de dar aos pobres, não apenas riqueza, mas também conhecimento e sabedoria, bem como de despojar-se de sentimentos ruins em relação aos outros.

No período do “Iluminismo” do século XVII, John Locke, em “Dois Tratados sobre Deus”, escreveu que, porque os homens eram capazes de liberalidade e, portanto, podiam agir eticamente, não precisavam de

um monarca absoluto para governá-los, o autogoverno era possível. Mas ter em mente o interesse comum era um dever importante. A liberalidade também fomentou a tolerância religiosa. Locke fez disso um dever cristão em sua “Carta sobre a Tolerância”, de 1685, e não apenas entre cristãos, mas também em relação aos “pagãos”, “judeus” e “muçulmanos”. Em 1772, no Dicionário Oxford, a palavra “liberal” passou a ser definida como “livre de viés, preconceito, intolerância, de mente aberta e tolerante”.

O estudioso alemão protestante e liberal Johann Salomo Semler inventou a noção de “teologia liberal”, como uma “perspectiva religiosa e uma maneira de ler a Bíblia que era esclarecida e erudita, livre de restrições dogmáticas e aberta à investigação crítica. Rejeitou dogmas, como a pecaminosidade inerente ao homem e o sobrenatural. Enfatizou o comportamento moral e a crença na capacidade do homem de melhorar a si mesmo. E concluiu que a essência do cristianismo não era dogmática, mas moral. A teologia liberal tornou-se a corrente teológica dominante no final do século XVIII. Atravessou o Atlântico, onde foi promovida por um grupo de clérigos protestantes, liderados por William Ellery Channing, acabando por ser conhecida como “unitarianismo”. Sua descoberta da tradução inglesa da *Bhagavad Gita* e das *Upanishads*, nas primeiras décadas do século XIX, deu origem ao “movimento transcendentalista” e aos ensaios, poemas e livros de Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau. Esses, por sua vez, abriram os corações e mentes das gerações seguintes de norte-americanos, que acolheram o movimento teosófico, iniciado em 1874, e Swami Vivekananda, em 1894, o primeiro professor indiano de *Yoga* a visitar a América.

Ao longo de sua história, a maioria dos liberais eram moralistas, pelo menos até o século XX, quando o liberalismo se associou principalmente aos direitos humanos. O projeto deles era ético. Era uma aspiração, um objetivo a ser alcançado, à medida que a humanidade se esforçava para realizar seu potencial e liberdade. Não tinha nada a ver com o individualismo atomizado tão prevalente hoje entre aqueles que insistem nos direitos humanos, sem qualquer referência aos deveres. Até o século XX, a maioria dos liberais acreditava que tinha direitos porque tinha deveres. Eles constantemente alertavam sobre os perigos do egoísmo e sobre a necessidade de generosidade, probidade moral e valores cívicos. Por quase dois mil anos, o liberalismo significou demonstrar as virtudes da cidadania, mostrar devoção ao bem comum e respeitar a importância da conexão mútua.

Oposição

O liberalismo também pode ser melhor compreendido e apreciado com referência às forças que se opuseram a ele. Elas vieram da Igreja Católica em aliança com as monarquias, bem como de escritores influentes, como Thomas Hobbes, que rejeitaram o liberalismo porque acreditavam que os homens eram tão movidos pelo medo e por uma natureza brutal, que eram incapazes de se governar sem um monarca absoluto. O liberalismo, diziam eles, era incompatível com a doutrina católica. Conhecida como “cesarismo” na França do século XIX, essa tendência encorajou a ignorância das massas e tirou proveito disso.

Durante o século XX, a oposição manifestou-se não apenas na religião organizada, mas também no comunismo e no fascismo. Adolf Hitler declarou que o principal objetivo do nazismo era “abolir a concepção liberalista do indivíduo”. Essas palavras ecoam hoje na China, na Rússia e em outros estados totalitários. Essas forças são conservadoras, reacionárias, sexistas, racistas, antidemocráticas e preocupadas principalmente com a manutenção do poder para controlar os outros.

Líderes antidemocráticos e autoritários atraem apoiadores quando alegam que a liberalidade é uma licença para a imoralidade e o abuso de drogas, que é responsável pela decadência, ganância, globalismo e materialismo da sociedade moderna, e que, portanto, deve ser reprimida. Alimentando o medo e apelando emocionalmente para aqueles que são mentalmente movidos pela religião ou por *slogans* patrióticos, ou por acusações a elites corruptas, seus defensores consideram fácil condenar os liberais, e condenar erroneamente as instituições seculares como negadoras da religião.

Os liberais são alvos fáceis quando falam apenas sobre seus direitos e não agem de forma caridosa, virtuosa e respeitosa para servir ao bem comum, e quando não abordam os medos legítimos dos conservadores. Não é preciso ser religioso para ser moral (veja a referência sobre isso no meu artigo do *Jornal* citado no final deste texto).

As forças não liberais também se opõem à ciência quando ela não é consistente com suas crenças religiosas, como, por exemplo, o ceticismo dos fundamentalistas cristãos em relação às mudanças climáticas. Eles continuam a denegrir e subverter o liberalismo até hoje por meio de movimentos autoritários, populistas e antidemocráticos, bem como por meio de elementos fundamentalistas, sectários e conservadores em todas as religiões organizadas.

Tenho uma profunda dívida de gratidão para com aqueles liderados por valores liberais

Desde a infância e principalmente na adolescência, tive muitas questões existenciais. Minha busca por respostas me levou do dogma religioso de minha família para a educação liberal na universidade. Sou especialmente grato a dois de meus professores, membros das ordens religiosas agostiniana e jesuíta, que ensinaram respectivamente ética clássica e religião comparada, e que manifestaram em suas vidas pessoais os valores liberais que descrevi acima. Eles ajudaram a me preparar para o voto vitalício de dedicação à prática da *Kriya Yoga* de Babaji que fiz em 1970, e à investigação e publicação da literatura dos *Yoga Siddhas* nas décadas seguintes. Sou grato ao professor-doutor T.N. Ganapathy, o diretor de nosso projeto de pesquisa sobre *Yoga*, por sua erudição e escrita clara, e que me ensinou como se pode ir além da “tolerância” para a “apreciação”, procurando entender pontos de vista opostos. Também sou profundamente grato a gerações de libertários civis que são responsáveis por constituições liberais que mantêm os direitos civis, e que protegeram a mim e a outros professores de *Yoga* das tentativas de suprimir nossas atividades feitas pela aliança do governo e da religião organizada – por exemplo, na França, durante a década de 1990.

Yoga Siddhantham*, o liberal ensinamento de sabedoria dos *Siddhas

Meu professor, o *loque* Ramaiah, muitas vezes se referia ao *Yoga* como “a arte científica da perfeita união com a Verdade ou Deus” e “o lado prático de todas as religiões”, que faria do “cristão um cristão melhor”, do “hindu um hindu melhor”, do “muçulmano um muçulmano melhor”. Essas afirmações expressam as qualidades liberais discutidas nos parágrafos anteriores. São liberais na medida em que são aspiracionais, buscando aperfeiçoar o potencial humano, moral, não-dogmático, não-sectário, e porque fazem da própria experiência, ao invés das escrituras, o mais alto árbitro da verdade. O *loque* Ramaiah também organizou, todos os anos a partir de 1954, uma conferência ecumênica internacional, o “Parlamento das Religiões do Mundo e do *Yoga*”, em diferentes países. Serviam para promover

os valores liberais e como antídoto ao fanatismo religioso, a doença da religião.

Ao estudar os *Yoga Sutras*, aprendi a apreciar outros valores liberais mencionados anteriormente:

Liberdade: *Kaivalya*, ou liberdade absoluta, o objetivo final e o título do último capítulo dos *Yoga Sutras*; refere-se à liberdade da influência dos *gunas*, ou modos da natureza, e das fontes de sofrimento, conhecidas como *kleshas*: ignorância, egoísmo, apego, aversão e medo da morte;

Disciplina Moral: *Yamas*, ou restrições sociais, o primeiro dos oito caminhos apresentados nos *Yoga Sutras*, para fazer o oposto da natureza humana, incluindo não prejudicar, veracidade, consciência do Absoluto, não roubar, não avareza (veja meu *ebook* “Opposite Doing”, referenciado no final deste artigo). Os *Siddhas* não renunciaram ao mundo como ilusório. Todos eles deram contribuições significativas para a sociedade, por exemplo, na medicina, nas ciências e no *Yoga*. Consideravam o corpo físico como o templo de Deus, e, assim, desenvolveram meios para realizar seu potencial Divino. A doença ocorre quando se ignoram os *Yamas* e *Niyamas*, de acordo com Tirumular. Sua observância cura a doença.

Amor, generosidade e caridade. “O Amor é Deus”, *Anbu Shivam*, de acordo com Tirumular no *Tirumandiram*. Isso nos inspira a retribuir o amor de Deus em pensamento, palavra e ação. O grande *Siddha Ramalingam*, do século XIX, fez da caridade seu ensinamento cardeal (veja o artigo “A Preocupação Social dos *Siddhas*”, na lista de referências ao final). O conceito dos *Siddhas* de *arupadai*, “mostrar o caminho para os outros”, incluía o que fazer e o que não fazer para evitar o sofrimento e expressar o amor ao próximo. De acordo com o professor Ganapathy, no *mantra Sivayanama*, “*Siva*” significa bem-aventurança, “*Nama*” significa sacrifício e “*Aya*” significa resultado. O significado do *mantra* é, então, “o resultado do sacrifício é a bem-aventurança”.

Aspiração. *Yoga* e *Tantra* são caminhos progressivos, que reconhecem e buscam transformar a natureza humana por meio da *sadhana* ióguica, lembrando “quem sou eu?” e “deixando ir” as falsas identidades nascidas do egoísmo.

Oposição ao sistema de castas, à ortodoxia, ao dogmatismo, ao poder da religião institucionalizada, que limita a liberdade de pensamento, de palavra, de escrita, de reunião. Os *Siddhas* eram rebeldes piedosos, que criticavam as manifestações da religião organizada, particularmente o poder dos sacerdotes, a discriminação das castas, a adoração nos templos, a obediência cega às escrituras, pois esses elementos desempoderavam e desencaminhavam os buscadores e criavam divisão social. Sua visão de mundo foi expressa nestas declarações frequentemente repetidas: “todos os países são minha pátria, todas os povos são meus parentes” e “unidade na diversidade”.

Vamos celebrar e honrar a liberalidade do *Yoga Siddhantham*

Estamos passando por um período da história em que os valores liberais estão sendo substituídos por aqueles que promovem o materialismo, o individualismo e o consumismo. Embora o liberalismo não seja mais ameaçado pela inquisição da Igreja, é ameaçado por regimes autoritários que estão suprimindo ou subvertendo a imprensa independente, a liberdade de expressão, a liberdade de reunião e a educação liberal. Isso está acontecendo não apenas na China, na Rússia, no mundo árabe, em certos movimentos políticos nos Estados Unidos, na Índia, Europa e no Brasil. A existência futura do valor liberal é tão duvidosa e frágil quanto a nossa. Os governos podem proteger ou destruir o liberalismo.

Não sejamos complacentes! Lembremo-nos de que há um preço a pagar para proteger nossas liberdades, que inclui a obrigação de cumprir nossos deveres morais e cívicos. Celebremos os valores liberais que nos permitiram receber e nos beneficiar com os ensinamentos e práticas de sabedoria do *Yoga*. Vamos honrá-los, manifestando-os em nossas próprias vidas, apoiando políticas e legislações que promovam valores liberais, e compartilhando-os e preservando-os para as gerações futuras em todas as línguas. Vamos nos comprometer com atos morais e caridosos, reconhecendo que, quando amamos os outros, amamos a Deus.



2

Eu Sou porque você me ama

Por Durga Ahlund



Dirigindo sozinha pelas montanhas, o *mantra* Babaji segue silenciosamente em minha respiração. As janelas estão abaixadas e o teto solar aberto, o vento frio e cortante na minha pele. A luz do sol refletida nas folhas, intensamente coloridas do outono, me tira o fôlego momentaneamente. Meu coração se abre e eu experimento uma plenitude de prazer que não sentia há algum tempo. Sinto, experimento, uma mensagem naquele momento: “EU SOU, porque você me ama!” Eu falo a mensagem em voz alta. Estaciono na próxima parada para escrevê-lo, pois sei que devo contemplá-lo profunda, e completamente.

O que se transmite em silêncio não é conhecimento intelectual, mas uma espécie de experiência direta; a realização de uma verdade, vivendo-a no momento, uma resposta a uma pergunta não dita. O “EU SOU” em mim, autossustentável, fortalecedor e curativo, está se manifestando em minha mente e corpo. É sentido como conexão. É um sentimento do alegre entusiasmo do amor.

O que compreendo é que esta Presença Eu Sou, é o *guru* interior, lentamente resolvendo, ou dissolvendo todas as coisas, e respondendo a todas as dúvidas, revelando apenas o que precisa ser revelado, e apenas no momento apropriado. Tenho confiança suficiente para aceitar a vida como ela é, paciência o suficiente para esperar o que acontece a seguir. Estou disposta a fazer qualquer trabalho que me chegue para fazer, e confiante o suficiente para que tudo esteja como deveria ser. Mas, como posso saber se esta Presença é a responsável?

Eu mergulhei profundamente e viajei além dos limites da minha mente para encontrar-me vagando

no coração. Lá, experimentei e senti uma luz cheia de graça, mas não sei nada desta Presença. Escolho reivindicá-la como uma companheira reconfortante. Sinto que o amor talvez seja o portal para conhecer nosso estado mais profundo e verdadeiro do Eu Sou.

Estou começando a sentir que o divino Eu Sou está se manifestando através de todos os seres, em todos os eventos e comportamentos, independentemente de qualquer indignação ou confusão que o ego possa ter sobre isso. Então, tento responder a todas as circunstâncias, agradáveis e desagradáveis, com um senso de equanimidade. Estou aprendendo a aceitar a decepção, menos afetada por ela. Sinto que posso resistir mais facilmente a ser perseguida por pensamentos e situações desafiadoras que se apresentam. E eu confio, regularmente, em um senso de presença de espírito para me guiar.

Presença questionadora

Embora eu não duvide da existência dessa presença, dessa orientação interior dentro de mim, me pergunto como se espera que alguém desenvolva uma fé inabalável na presença de Deus, ou do *Guru*, ou de uma vasta luz divina graciosa e consciente, que guia e apoia? Para meus próprios filhos, eu disse apenas que, permanecendo quietos e confiando em seu *coração*, eles podem experimentar os sussurros e a orientação de uma presença do ser, dentro deles. Lembro-os dos momentos em que eles experimentaram sincronidade, intuição, inspiração e escolheram corretamente, ou quando fizeram uma coisa em detrimento de outra, ou ainda quando apenas tiveram aquela sensação de que a sorte estava com eles. Eles me lembram que, geralmente, não confiam nessas experiências como algo mais do que sorte, boa ou ruim, e intelecto e, se tal energia cósmica existe, deve ser comprovável. Certamente, eles dizem que o intelecto é mais confiável do que o coração, seja ele o que for.

Sugiro, que para desenvolver um vínculo com o coração, é preciso ser receptivo, aprender a ouvir profundamente, sentir intimamente, e permitir-se vivenciar o momento exatamente como ele é. O corpo emocional deve “amolecer” para ouvir os sussurros do coração. O ruído na mente deve ser silenciado para conectar-se ao Intelecto. O intelecto fixa-se enquanto procura discriminar, compreender. É a partir dessa fixação que analisamos, raciocinamos e pensamos. É a partir do intelecto que refletimos e discernimos o certo e o errado. É no intelecto que a consciência nos leva a mudar o comportamento. O intelecto está próximo de uma inteligência superior, da presença. É através do intelecto que a inspiração e o *insight* fluem, mas a inspiração transcende a inteligência intelectual comum. É de uma ordem superior. Essa inteligência superior transcende a razão e o pensamento, é do reino da consciência. Ela não se fixa. É o reino da Testemunha, que é o observador sempre presente.

A qualidade da mente é determinada pelo direcionamento da sua atenção. É preciso estar presente para chamar a atenção para o estado de consciência. Uma mente cheia de pensamentos e desejos não terá grande abrangência para receber a inspiração, o discernimento e a paz que a mente superior proporciona. Uma mente desprovida de todos os pensamentos não é necessária, mas a consciência exige que nenhum dos pensamentos seja reivindicado. Os pensamentos podem vir prontamente, mas devem ir com a mesma facilidade. Os pensamentos viajam suavemente, intocados pelo espaço da mente. Descobri que é preciso verdadeira sinceridade, aspiração e dedicação a uma prática de meditação para manter esta forte conexão.

O que mais me beneficiou, ao longo do meu caminho, foi que, em tenra idade, passei um tempo investigando e determinando que quem eu sou estava localizado no meu coração, não na minha

cabeça. Também reconheci, desde minhas primeiras lembranças, uma fonte de orientação interior e conforto me protegendo. Na verdade, não era minha mãe a quem eu recorria em momentos de turbulência emocional, mas a algo interno ao meu próprio ser. Voltei-me para dentro em busca de conforto, explicação e compreensão. Era mais uma sensação de se estabelecer em nuvens fofas do que uma visualização, mas a orientação, às vezes, aparecia em minha mente como ondulações em tons cinza, ou surgia simplesmente em uma única palavra que imediatamente acalmava medos, explicava coisas, ou me acalmava até dormir. Desde muito cedo eu tinha dado a esse estado de espírito reconfortante, rico em inspiração, o papel de ser meu melhor amigo. Ao contrário de um amigo imaginário, meu melhor amigo nunca me levou à tentação ou conflito. E à medida que envelheci, quando o egoísmo me colocou em apuros, meu melhor amigo nunca me deixou presa lá. Tenho um profundo, permanente amor e reverência pelo meu melhor amigo. E eu sabia que aquele eu íntimo, EU SOU, também me amava e cuidava de mim incondicionalmente.

O desafio para todos nós é cortar o vínculo que temos com a condição humana normal, na qual parecemos indelevelmente amarrados. Todos nós aceitamos e acreditamos que nascemos indivíduos, limitados por certas situações, obrigados a viver nessas limitações da melhor maneira possível, e então morremos. Para confiar em algo além do condicionamento e compreensão humanos, você precisa aspirar a uma conexão com Deus/*Guru*/Eu. Para criar novos circuitos que fortaleçam a ligação entre a mente pensante e seu estado de ser mais elevado e puro, volte-se para o silêncio mental e a percepção consciente.

Criando novos canais por meio da conscientização

Como criar canais, novos vínculos, para que possamos conscientemente nos aproximar e ser influenciados por esta presença divina que já existe dentro de nós? Desenvolvendo a consciência, criaremos estes canais. O que é consciência? A consciência é o estado puro e inalterado de consciência, quando o pensamento está ausente. Consciência é o segredo da felicidade. Na consciência, você deixa de lado qualquer demanda no momento. Em um estado de consciência, você para de buscar uma experiência diferente daquela que está vivenciando. Então, quando você pode estar presente e permanecer sem desejos, não querendo obter ou remover algo, apenas observando o momento, você está em um estado de testemunho.

As conexões são criadas à medida que testemunhamos cada vez mais. Quando começamos a nos voltar para a consciência da testemunha para a compreensão, essa conexão é fortalecida. Para aprender a confiar na consciência ao invés do pensamento, devemos optar por fugir do cinismo e da ginástica mental que normalmente usamos para resistir a nossa orientação interior, ou para prová-la ou refutá-la. Devemos aprender a reconhecer nossas resistências e a fonte de porque estamos resistindo à integridade e influência da alma. Devemos começar a renunciar à importância excepcional que damos à aquisição de conhecimento, ou a nossa esperteza e histórias pessoais. Nestes períodos de silêncio mental e emocional, quando podemos ir além do nosso conhecimento acumulado, a consciência se torna mais expansiva e penetrante. Quando exploramos regularmente o mundo no estado de consciência, o conflito mental pode ser eliminado, pois a paz substitui o medo, a dúvida e a insegurança. Sentimo-nos mais leves e claros e mais em contato com o nosso eu terno.

Somos afortunados como receptores de *Kriya Yoga*

Kriya Yoga sadhana ou qualquer prática integral de *asana*, *pranayama*, meditação silenciosa e consciência pode fortalecer o sistema nervoso, reduzir o estresse e ajudar a equilibrar as emoções, mas, além disso, *Kriya Yoga* nos oferece *Sat Guru Kriya Babaji*, por quem podemos nos apaixonar. Pois sem amor não há Verdade. Sem Verdade não há progresso.

Babaji pode oferecer-nos um amor que transcende todas as experiências e emoções. É um amor que permanece presente mesmo quando você não está em um estado de sentimento chamado amor. As mães conhecem esse tipo de amor. Independentemente dos desafios, frustrações ou exaustão de criar nossos próprios filhos, o amor se torna mais forte, mais rico, mais amplo, indo muito além de nossa própria família.

O amor do *Guru* é assim. Ele nos oferece esse mesmo tipo de amor raro, verdadeiro e em expansão. E assim, da mesma forma que para a mãe, deve-se amar incondicionalmente. O amor puro não é transacional. Não é carregado de paixão ou drama. Este amor é puro, profunda e verdadeira conexão e conectividade. É alimentado pela consciência, gentileza e compaixão. Esse tipo de amor cresce conosco, fortalecendo a nós e nossos relacionamentos. É atemporal e incontido. Este tipo de amor viaja através de você, além de você e para o mundo. É transformacional porque contém em si uma centelha de Verdade. Se o amor e a consciência se tornarem fortes o suficiente, a faísca acende e dá vida a um fogo que transforma tudo diante de seus olhos. O *Guru* é Amor, o *Guru* é a Verdade, o *Guru* está em nós, e a verdadeira transformação acontece quando você menos espera. É pura magia.



3

Como se reconectar ao *Guru*?

Por M.G. Satchidananda

Recentemente, recebi um *e-mail* de alguém em Moscou, na Rússia, com esta pergunta: “Como você se reconecta com o *Guru*? Enquanto contemplava como responder a esta pergunta, percebi de quantas maneiras eu poderia respondê-la, e como cada uma dependia de uma perspectiva diferente. Decorre de questões sobre como você responderia à pergunta: “O que é um *Guru*?” Também depende se você tem a orientação da cultura ocidental ou indiana? *Guru* tornou-se uma palavra muito usada e incompreendida, especialmente no Ocidente, onde tem sido associada a professores indianos que não praticam o que pregam! Mas mesmo na Índia, quando as pessoas dizem coisas como “meu *Guru*”, demonstram falta de compreensão e apreciação do seu significado. Outra questão a ser considerada é se a necessidade de se reconectar com o *Guru* é principalmente física, emocional, mental, psíquica ou espiritual?

Não escrevo sobre esse tópico no *Jornal da Kriya Yoga* desde o verão de 2004. Nessa edição incluí um capítulo intitulado “*Gurupurnima*” do meu livro “*Kriya Yoga Insights Along the Path*” (*Insights de Kriya Yoga ao longo do Caminho*). Nele, descrevi os vários papéis ou atividades tradicionais do *Guru* como pessoa, porque são mais fáceis de entender do que o significado, e o verdadeiro significado, da palavra *Guru*. Especialmente hoje, quando há tão poucas pessoas que se apresentam como *Guru*, e quando consideração ao significado dessa palavra caiu tanto, desde os anos em que muitos *gurus* vieram para o Ocidente, reuniram discípulos e caíram em escândalos. Seus fracassos pessoais deram origem à publicação popular *Yoga Journal*, que era, reconhecidamente, anti-*guru* e ajudou a criar uma indústria de estúdios de “*Yoga Americana*”. Ambas as palavras “*Yoga*” e “*Guru*” tornaram-se homógrafas com múltiplos significados, completamente divorciadas uma da outra na onda de *marketing* de massa comercial que se seguiu. Portanto, neste artigo, não vou repetir o que foi escrito no texto anterior sobre os papéis, atividade, relacionamento e pessoa do *Guru*. Este artigo abordará a questão de “como se reconectar com o *Guru*? Especialmente, como se conectar com o *Guru* interior?”

Mas, durante a primeira cerimônia de iniciação em *Kriya Yoga* explico que a palavra “*Guru*” é melhor entendida como um “*tattva*”, um princípio particular da Natureza ou *Shakti*, que tem o efeito de revelar qualidades divinas incluindo “o verdadeiro, o bom, o amor lindo e incondicional.”

Portanto, qualquer fato que aconteça para revelá-los, seja um livro, um nascer do sol, os olhos de um bebê, por exemplo, pode ser considerado uma manifestação do “*Guru tattva*”. Se uma pessoa manifesta-os consistentemente, há uma tendência para os outros se referirem a esta pessoa como um “*guru*”. Mas não é a pessoa que é um “*guru*”. O *Guru* é o ensinamento e as práticas transmitidas ao aluno, nascido de uma consciência superior. É o que vem através dessa pessoa, quer ela ensine ou permaneça em silêncio, que toca profundamente o coração de outra pessoa, revelando ou manifestando estas qualidades divinas. Apesar das limitações pessoais da pessoa, o *Guru tattva* se manifesta.

Como se reconectar ao *Guru*?

Conforme indicado acima, a resposta a esta pergunta depende da necessidade de “reconectar-se” principalmente física, emocional, mental, psíquica ou espiritual?

Cada uma dessas perspectivas limita sua experiência do *Guru*. Como véus, elas podem obscurecer ou limitar o que está brilhando. A palavra *Guru* é derivada da palavra “*guna*”, que se refere aos três modos da Natureza: atividade, inércia e equilíbrio (*rajas*, *tamas* e *sattva*). Todo o último capítulo dos *Yoga Sutras* de Patanjali é dedicado a como alguém supera e transcende sua influência, e alcança o objetivo final do *Yoga*, conhecido como *kaivalya*, ou liberdade absoluta da influência dos *gunas*. O *Guru* é, portanto, aquele que guia a pessoa para este objetivo.

A prática do *Yoga* torna-se o *Guru* na medida em que eleva o patamar energético de consciência da pessoa, superando a perspectiva egoísta. A prática também se torna o *Guru* na medida em que se aprende com a experiência pessoal. A prática, ou *sadhana yogue*, quando praticada regularmente e com habilidade, permite que a visão perfure a ilusão mental, conhecida como os agentes de *maya*, o princípio da natureza que limita a consciência. Nestes princípios estão incluídos o tempo, espaço, paixão, *karma* e ignorância sobre a verdadeira identidade do indivíduo. Portanto, a superação de cada um deles requer diferentes práticas *yogues*. A sabedoria é o fruto de sua prática.

Física:

Considere quanto de seu tempo e esforço é dedicado a cada dia às necessidades ou demandas do corpo físico relacionadas à comida, abrigo, sobrevivência, fadiga, conforto, prevenção da dor, busca sensual e superação das tensões? A prática regular de *asanas* ou posturas *iogues*, e prescrições dietéticas, é o principal remédio para remover estas fontes de distração. Quando as posturas são feitas, com ênfase no relaxamento e nos efeitos terapêuticos, ao invés do desempenho, elas também acalmam os corpos emocional/vital e mental. Essa calma resultante cria a condição necessária para que a consciência se volte para dentro e realize o *Guru* interior, o *Self*. O ditado, “*Guru*, Deus e o Eu são um” pode então ser realizado.

Conectar-se fisicamente com o *Guru tattva* também pode ocorrer quando se está sentado na presença física de quem o manifesta. A mera presença de tal pessoa eleva a consciência dos outros. As respostas às perguntas podem surgir espontaneamente na mente dos outros antes mesmo de serem feitas.

Contemplar a imagem de um professor com quem se identifica o “*Guru tattva*” também pode ser eficaz na reconexão. Praticar a 1ª, 2ª e 18ª posturas na série *Kriya Hatha Yoga de Babaji* com devoção, e cantar o mantra do *Guru* também é eficaz.

Emocional/vital

O corpo vital é a sede de todas as emoções. A maioria delas são negativas. As emoções negativas incluem tédio, depressão, tristeza, orgulho, medo e raiva. É também a sede de todos os desejos, incluindo pequenos gostos e desgostos. Ele interpenetra os corpos físico e mental, que são adjacentes em frequência vibracional. Por dominar tanto nossos sentimentos quanto nossos pensamentos, o *Yogi* procura neutralizar seus efeitos.

A prática de *bhakti yoga* anula estes efeitos imediatamente ao direcionar as energias da pessoa para a emoção positiva, do puro amor incondicional. O objeto do amor é um ser ou personalidade divina, um santo, deus ou deusa. Cantar, cantar canções ou hinos, adoração em grupo, individual ou cerimonial fornece os meios mais comuns de expressão de *bhakti yoga*. Ao contrário da oração, ela não exige; não é peticionária. É comemorativa e incondicional. Traz a pessoa para a experiência de alegria, ou bem-aventurança. Alegria ou bem-aventurança, ao contrário da felicidade, é incondicional. O *Yoga* ensina que a realidade última é *satchidanada*, ou Ser Absoluto, Consciência Absoluta e Ser Absoluto. No entanto, porque é alimentado principalmente por emoções, *bhakti yoga* é geralmente instável e, portanto, pode-se facilmente reverter tendências emocionais negativas ou hábitos mentais, até, ou a menos que haja purificação suficiente na esfera mental, pela prática da meditação.

Mental

O corpo mental inclui os cinco sentidos, memórias e habilidades para coordenar aprendizagem, atividades físicas, visualização, planejamento, organização e fala. Esses são geralmente impulsionados pelo hábito. Muitas memórias são condicionadas por emoções, positivas ou negativas, às quais a pessoa está apegada. Elas são uma grande fonte de obscurecimento. Conseqüentemente, deixa-se de ver a realidade subjacente, que é, de fato, o *Guru tattva*.

Os meios *yogues* de conexão com o *Guru* da perspectiva mental incluem o desapego dos movimentos da mente. Patanjali refere-se a isso como “*Kriya Yoga*”. No *Yoga Sutra* II.1 ele explica que essa ação consiste na prática constante, auto-estudo e entrega a *ishvara*. No *Yoga Sutra* II. 24, escreve: “*Ishvara*

é o Eu especial, intocado por quaisquer aflições, ações, frutos de ação ou por quaisquer impressões internas de desejo”. No *Yoga Sutra* II.26, explica ainda que “Incondicionado pelo tempo, ele é o *guru* até mesmo dos *gurus* mais antigos”. Em II.27 e 28, ele nos diz que “A palavra expressiva de *Ishvara* é o som místico *Om*”, e que “Portanto, deve-se repetir esta sílaba sagrada *Om* enquanto se reflete sobre seu significado com devoção.

No *Yoga Sutra*, I.12, Patanjali nos diz que pela prática constante do desapego, deixamos de nos identificar com as flutuações da mente. Elabora sobre isso no *Yoga Sutra* II.11: “No estado ativo, essas flutuações da mente são destruídas pela meditação.

Outro meio de se conectar ao *Guru* é visualizando a forma da pessoa do *Guru* durante a meditação, e repetindo um *mantra* relacionado ao *Guru*, como “*Om Kriya Babaji Nama Aum*”. Babaji, a fonte viva da *Kriya Yoga*, disse que ao repetir seu nome com amor, a pessoa recebe sua bênção e apoio. Uma das perspectivas mais fáceis, porém impessoais, de se conectar mentalmente com o *Guru* é pensar em “Babaji é amor e amor é Babaji”. Então, qualquer atividade feita com amor se torna um meio de se conectar com o *Guru*! Veja o [link](#) para o artigo, “*Love, Grace and the Guru*”, ao final deste artigo.

Intelectual

O corpo intelectual é a dimensão na qual residem ideias, palavras e ensinamentos. Ao contrário dos movimentos do corpo mental, eles não têm forma visual. São abstratos, embora possam ser expressos por escrito, ou pela voz.

Yoga fornece ensinamentos de sabedoria como um meio de guiar a pessoa através das limitações da perspectiva intelectual. Ao contrário da filosofia, o propósito dos ensinamentos de sabedoria é fornecer orientação sobre como evitar o sofrimento e como realizar Deus, o Ser, e o *Guru*. Um professor que ensina sabedoria consistentemente é um *guru*, um veículo do *Guru tattva*. A meditação sobre os ensinamentos associados a um *Guru*; ou a recitação do Juramento de *Kriya Yoga*: “Aceito *Satguru Kriya Babaji* como meu ideal e irei contemplar sobre isso...” como ensinado na primeira iniciação, são meios de se render a *Ishvara*, que como mencionado acima, é o Ser, e o *Guru*

Psíquica

O que é o ser psíquico? Pode ser pensado como o *Guru* interior, a voz da nossa alma. Sri Aurobindo refere-se frequentemente a ele, metaforicamente, como uma “faísca que vem do Divino”:

“O psíquico é uma centelha vinda do Divino que está em todas as coisas e, à medida que o indivíduo evolui, cresce nele e se manifesta como o ser psíquico, a alma buscando sempre o Divino e a Verdade, e respondendo ao Divino e à Verdade quando e onde quer que ela se encontre.” (Aurobindo 2012: 105).

“Há individualidade no ser psíquico, mas não egoísmo. O egoísmo desaparece quando o indivíduo se une ao Divino ou se entrega inteiramente ao Divino.

É o ser psíquico mais íntimo que substitui o ego. É através do amor e da entrega ao Divino que o ser psíquico se torna forte e manifesto, para que possa substituir o ego.” (Aurobindo 1972: 124).

Pode-se realizar o *Guru* interior na medida em que o ser psíquico vem do fundo, para o primeiro plano de sua consciência. Até que a perspectiva egoísta nascida da falsa identificação com o corpo físico, as emoções, e o movimento da mente sejam suficientemente aquietados pela prática purificadora de *Kriya*, *bhakti* e *karma yoga*, a pessoa tem apenas contatos ocasionais com o ser psíquico. Neles, pode receber avisos, *insights* poderosos, respostas a perguntas importantes.

“Pode ser percebido como uma luz mística atrás do centro do coração. Pode-se dizer do psíquico que é isso [a parte luminosa do nosso ser], porque o psíquico está em contato com o Divino e uma projeção do Divino na natureza inferior. O psíquico está profundamente no centro do coração interno, por trás do ser emocional. A partir daí, ele se estende para cima, para formar a mente psíquica, e para baixo, para formar o psíquico-vital e o psíquico-físico mas, geralmente, só se percebe isso depois que a mente, o vital e o físico são submetidos e colocados sob a influência psíquica. (Aurobindo 2012: 122-123).

Na *Kriya Yoga* de Babaji, na primeira iniciação é ensinada, Babaji *Samyama Kriya*, a sétima técnica de meditação, para se comunicar com Babaji. Quando nos tornamos conscientes do ser psíquico interior, ele conduz o *sadhana* (a prática pela qual a perfeição, *siddhi*, é alcançada).

Podemos dizer que o ser psíquico é a alma na natureza, evoluindo por ela, sustentando-a e, às vezes, quando há abertura a sua influência, guiando nossa pessoa no drama da vida.

Há indicações claras de sua influência no ser interior, na mente interior, no vital interior e no físico interior.

“Essas coisas, amor, compaixão, bondade, bhakti, Ananda são a natureza do ser psíquico, porque o ser psíquico é formado a partir da Consciência Divina, é a parte divina dentro de você. Mas as partes inferiores ainda não estão acostumadas a obedecer ou valorizar a influência e o controle do psíquico, pois nos homens, o vital e o físico estão acostumados a agir por si mesmos, e não se importam com o que a alma quer. Quando eles se importam e obedecem ao psíquico, essa é a sua conversão – eles começam a colocar sobre si a natureza psíquica ou divina.” (Aurobindo 2012: 122).

Espiritual

O corpo espiritual, ou de bem-aventurança, não tem forma. É o mais sutil de todos os cinco corpos. É mais facilmente experimentado na meditação profunda, quando os outros corpos se tornam silenciosos e imóveis. Esse estado é indicado como *samadhi* nos *Yoga Suttas*. Nele se percebe a identidade com tudo. Ele transcende as palavras. Ser Aquele que se conecta com o *Guru*. Pode-se também vislumbrá-lo concentrando-se em grandes ditados como “Babaji é Amor” ou “*Anbu Shivam*” (Amor é Deus), “Acalme-se e saiba que eu sou Deus”; “Eu sou Aquilo” ou “Aquilo que eu sou”. Você pode saber mais sobre isto no meu livro *Enlightenment: It's Not What You Think* (Iluminação: não é o que você pensa).

Referências:

Para ler os artigos citados:

<https://www.babajiskriyayoga.net/portuguese/articles.php>

“Our Psychic Opening to the Divine,” Kriya Yoga Journal, Part 1, Fall 2019

English: <https://www.babajiskriyayoga.net/english/flexpaper-ui/journal-summer-12-art.php>

Part 2 Winter 2020: <https://www.babajiskriyayoga.net/english/flexpaper-ui/journal-winter-20-art.php>

“*Babaji Samyama Kriya* requires opening and receptivity,” Kriya Yoga Journal, Winter, 2015

<https://www.babajiskriyayoga.net/english/flexpaper-ui/journal-winter-15-art.php>

“Love, Grace and the Guru,” Kriya Yoga Journal, Fall 2015:

<https://www.babajiskriyayoga.net/english/flexpaper-ui/journal-fall-15-art.php>

« Guru Purima », Kriya Yoga Journal, Summer 2004 :

<https://www.babajiskriyayoga.net/english/articles/art61-guru-purnima.htm>

Kriya Yoga Sutras of Patanjali and the Siddhas, by M. Govindan

<https://www.babajiskriyayoga.net/english/bookstore.htm>

Aurobindo, Sri. *Letters on Yoga*, Centenary Edition. Pondicherry: Sri Aurobindo Ashram Press, 1972.

Aurobindo, Sri. “Letters on Yoga” in *Complete Works of Sri Aurobindo*, Vol. 28. Pondicherry: Sri Aurobindo Ashram Press, 2012



4

Yoga é um caminho de sabedoria e amor

*Por Dr. TN Ganapathy**



“O *Yoga* pode estar associado à religião em si, mas é distintamente diferenciado da religião e das práticas religiosas. Enquanto a religião fala da realização de Deus, o *Yoga* fala da autorrealização. O método adotado pelo *Yoga* é o de alcançar a autorrealização *jñana* (sabedoria). Os *Siddhas* do Tamil insistiram na suprema importância de *jñana*, ao mesmo tempo que não enfatizam *bhakti* (devoção) como o método de realização. Em *bhakti* o coração chora pelo que está perdido, enquanto em *jñana* o espírito se deleita com o que encontrou. Portanto, os *Yoga Siddhas* do Tamil têm uma posição crítica em relação à adoração de ídolos e práticas religiosas. Eles são contra a atitude fundamentalista da religião. Em sua literatura há quase uma ausência total de qualquer culto local ou de qualquer

divindade. Nenhum *Siddha* genuíno na literatura tâmil cantou em louvor a qualquer Deus local. Um dos principais traços característicos, a diferença, para determinar um *Siddha* genuíno, é descobrir se ele/ela cantou em louvor a algum Deus ou Divindade local. De acordo com Siva-vakkiyar, um *Siddha* nunca adora uma divindade no templo¹. Esta é uma característica que distingue os *Siddhas* de outros santos, especialmente *Alvars* e *Nyanmars*. No entanto, os *Siddhas* acreditavam na Abstração Suprema e a chamavam de “Aquilo” ou “Isso” ou “Talidade” (termo traduzido para o conceito de *suchness* ou verdade essencial ou “*Paraparam*” em Tâmil). Os *Siddhas* são contra qualquer religião institucionalizada, que produz hábitos, costumes e práticas ritualísticas que impedem a pessoa de estar espiritualmente alerta e plenamente consciente. As formalidades ameaçam se tornar mais importantes do que conhecer a própria natureza interior ou eu e, portanto, os rituais e as escrituras tornam-se apenas grilhões. Aquele que está inclinado à iluminação deve ter cuidado com os obstáculos como rituais, escrituras, templos, igrejas, mesquitas etc., que impedem o caminho espiritual e o progresso. De acordo com os *Siddhas*, a causa da prevalência da ilusão em nossas vidas é mais institucional do que pessoal”.

No prefácio deste livro, páginas xvii a xviii, o Dr. Ganapathy também escreve:

“...no caso de Tirumular, nenhuma referência de que ele adorava as divindades individuais em qualquer templo em particular pode ser encontrada no Tirumandiram. De acordo com Tirumular, a melhor forma de adoração não é a adoração com flores, mas é não matar nem mesmo um átomo de vida, e o melhor local de adoração é o coração onde a alma reside (verso 197)... os *Siddhas* não eram devotos no sentido de idólatras... Eles acreditavam em uma Suprema Abstração. O uso recorrente da palavra *civam* (um substantivo abstrato que significa ‘bondade’, ‘o que é auspicioso’ e o estado mais elevado de Deus, no qual Ele existe como inteligência pura) ao invés do termo mais comum *civan* (que significa *Shiva*), torna este ponto muito claro. Em outras palavras, eles acreditavam em uma ideia abstrata de Divindade em vez de um Deus pessoal”.

E ele continua escrevendo: “...Tirumular refere-se a *Sivam* como amor. Sua filosofia básica é o amor – um amor não adulterado, puro e espiritual – que não espera barganhas nem resultados. Seu fardo da música é o amor, o que se reflete em muitos de seus versos (270, 272-274, 276, 279, 280-282, 286, 287, 416, 1005, 1456 e 2980). As três grandes afirmações de Tirumular são: (i) O amor é Deus (*anbe civam*, versículo 270); (ii) Que o mundo inteiro alcance a bem-aventurança que recebi (*yan perra inbam peruga i-v-vaiyam*, verso 85), e (iii) A humanidade é uma família e Deus é um (*onre kuamum oruvane tevanum*, verso 2104). Todos esses *maha-vakyas* (versos) do Tirumandiram são as diferentes maneiras de expressar que a Coisa Suprema é amor e apenas amor. O amor é bem-aventurança que pode ser alcançada por qualquer um e, portanto, a humanidade, ou melhor, o mundo, é uma família com o amor (Deus) como base. Para evitar a erupção do egoísmo, que é a antítese do amor, Tirumular concedeu ao mundo o *sastra* (tratado) do Tirumandiram (versículo 87).

A base do *Yoga*, ou união, é o amor. Somente através do amor a pessoa se funde com o *Sivam*. “

*Este texto é um trecho do “*The Yoga of Tirumular: Essays on the Tirumandiram*”, pg.148-149, do Dr. TN Ganapathy

¹ Truth Speaks, Civavakkyam, versículo 21) https://www.babajiskriyayoga.net/english/bookstore.htm#civavakkiyam_book
Para saber mais sobre este assunto, leia *The Yoga of Tirumular: Essays on the Tirumandiram*, (somente edição em inglês) e A Sabedoria de Jesus e os *Yoga Siddhas* (disponível em seis idiomas, incluindo Português) na página da livraria aqui: <https://www.babajiskriyayoga.net/portuguese/bookstore.php>



5

Acharya Chandra Devi, novo membro da Ordem dos Acharyas

Temos o prazer de apresentar aos nossos leitores um novo membro da ordem de *Acharyas da Kriya Yoga* de Babaji, que foi introduzido na Ordem na Itália no domingo, 17 de abril de 2022, durante uma cerimônia que celebrou seu cumprimento dos requisitos para se tornar membro e seu compromisso público para servir, compartilhando os ensinamentos de Babaji e sua *Kriya Yoga*.

Chiara Strani, recebeu o nome de *Chandra Devi*. Ela pratica *Kriya Yoga* de Babaji desde 2010. Aqui está o que ela diz sobre si mesma:

“Vivi muitas vidas e tive muitos empregos em uma pequena parte do norte da Itália, antes de me dedicar à agência de *internet* da minha família nos últimos 15 anos.

Sempre busquei conhecer o sentido do sofrimento, no meu próprio sofrimento, e na superação. Em 1997 encontrei-me em um seminário onde pratiquei minhas primeiras meditações e vislumbrei algo desconhecido, que me libertou de um antigo sentimento de culpa. Ficou claro que deveria procurar algo, e comecei a explorar a realidade além das aparências.

Eu tinha ouvido o nome de Babaji quando adolescente, de um *sadhu* amigo local, que me contou a história de um encontro que teve com Babaji nas montanhas do norte da Índia. A “Autobiografia de um Iogue” estava sempre em uma prateleira. Eu abria o livro, mas nunca lia.

Em 2003 o *Yoga* me parou em uma rua, literalmente, então comecei a praticar *Hatha Yoga* e aprender sobre *Raja Yoga*. Em 2008 alguns eventos aparentemente aleatórios trouxeram-me ao *Kriya Yoga* de Babaji, e o pouco que eu sabia sobre *yoga* fazia sentido, com uma perspectiva nova, e mais ampla. Algo fez sentir-me em casa.

Eu me vi estudando e ensinando *Yoga* por 10 anos, distribuindo uma marca de rosários de *Rudraksha*, apoiando *Acharya Arjuna* por mais de uma década durante seus seminários de iniciação, traduzindo alguns livros sobre *Kriya Yoga*, e organizando a distribuição das Publicações de *Kriya Yoga* de Babaji, até mudando de casa, sempre percebendo só depois como tudo estava conectado às visões na meditação, ao poder criativo que podemos explorar.

Após a dádiva da terceira iniciação na Índia, abandonei as aulas de *yoga* para integrar e aprofundar meu estudo e prática pessoal, e talvez para sair de um papel. Comecei a ver a forma como as grandes mudanças e desafios aparecem, e como lidar com eles, como *sadhana* de *yoga* em ação. A ideia da separação entre prática e vida começou a desvanecer-se.



Um dos muitos tesouros que encontrei na *Kriya Yoga* é um grau de desapego. Aceito a alegria e a tristeza igualmente, sabendo que elas vêm e vão. Vejo o espaço onde as coisas se moldam por si mesmas, procuro seguir os sinais, estar disponível sem interferir, e permitir que uma Vontade maior conduza o jogo da vida.

A esta Vontade eu me confio e me curvo, ao poder da *Kriya Yoga* para transformar a percepção e o significado da experiência de vida. O que tenho visto acontecer ao meu redor, e a outros praticantes, inspira em mim o dever moral de servir à missão social e global do *Guru*.

Jai Babaji! Om Sharavana Bhava!”



6

Notícias e Notas

Seminários de iniciação do Quebec Ashram em 2022 (em inglês) com M. G. Satchidananda: 1ª iniciação: 2 a 4 de setembro, 2ª iniciação: 24 a 26 de junho, 14 a 16 de outubro; 3ª iniciação: 1 a 10 de julho e 22 a 31 de julho de 2022.

Treinamento para professores de *Kriya Hatha Yoga*: 3 a 18 de agosto de 2023. Aprenda como tornar sua prática de *Kriya Hatha Yoga* de Babaji profundamente espiritual! Desenvolva a confiança e a competência para compartilhá-lo com os outros. Detalhes aqui: https://www.babajiskriyayoga.net/english/pdfs/events/hytt_quebec_2022.pdf

Peregrinações à Índia - Peregrinação a Badrinath: 03 de Setembro a 21 de Setembro de 2022, com os *acharyas* Ganapati e Annapurna Ma. Para a programação, acesse: <https://www.babajiskriyayoga.net/portuguese/pdfs/India-Pilgrimage-Badrinath-Ganapati-Annapurna-2022-Port.pdf> Entre 15 Setembro a 3 Outubro de 2022, com *acharya* Narada e Ramani. Para a programação, acesse: <https://www.babajiskriyayoga.net/portuguese/pdfs/India-Pilgrimage-Badrinath-2022-Portuguese.pdf>

Novas publicações em língua indiana. Temos o prazer de anunciar a publicação dos seguintes títulos nos idiomas locais da Índia: Em Tamil, uma nova tradução: A Voz de Babaji: Trilogia sobre Kriya Yoga. Em Kannada: *The Voice of Babaji: Trilogy on Kriya Yoga, Babaji and the 18 Siddha Kriya Yoga Tradition*, e ainda este ano, *Kriya Yoga Insights Along the Path*. Em hindi, ainda este ano, o terceiro volume de *The Voice of Babaji: Trilogy on Kriya Yoga*. Os residentes da Índia podem solicitar estas e muitas outras publicações em nosso site de comércio eletrônico indiano: <https://babajiskriyayogastore.in/>

Mensagens de Babji - Receba nossos novos cartões com as mensagens de Babaji! Eles inspiram e lembram *Kriya Babaji* e a sabedoria de nossa tradição. Nós os enviaremos para você via *Whatsapp* duas, três

vezes por semana em seis idiomas, conforme sua escolha. Simultaneamente, postaremos o conteúdo em inglês no *Instagram*: <https://www.instagram.com/babajiskriyayoga/>

Reuniões de *satsang on-line*, aulas de *Yoga*, perguntas e respostas. Muitos de nossos *Acharyas* estão oferecendo seu apoio a iniciados e não iniciados por meio de aulas de *Hatha Yoga* de *streaming on-line*, bem como reuniões de *satsang* por meio de comunicações no ciberespaço, como o *Zoom*. No entanto, outras técnicas de *Kriya Yoga* que são ensinadas durante os seminários de iniciação não podem ser compartilhadas durante estes eventos. Seu objetivo é encorajar os participantes a meditar e, secundariamente, dar alguma inspiração. As perguntas dos iniciados sobre as técnicas de *Kriya Yoga* serão respondidas apenas em um ambiente personalizado, onde a confidencialidade é garantida, seja por *e-mail*, ou telefonema, ou pessoalmente. Use o *Zoom* para participar de aulas online de *Kriya Hatha Yoga*, meditação e reuniões de *satsang*.

***Satsang* internacional para iniciados:** Todo primeiro domingo do mês. 13:30 GMT+1 (15:00 Hora da Europa Central; 9:30 hora de Montreal) duração: 60 a 120 minutos. *Sadhana* em grupo, guiado, em outros domingos. *Satsang* Diário – *Kriya Yoga* de Babaji Sri Lanka: Todos os dias (segunda a sábado) 11:30 GMT (17:00 hora padrão da Índia. Para mais detalhes: https://kriyababaji.it/babajiskriyayoga_online_satsang/

Em São Paulo, Brasil: para iniciados: *Satsang* todos os dias, 18h30. (Fuso Horário de São Paulo). Aula de *Hatha Yoga* todas as sextas-feiras, às 8h para todos. Acesse: <https://us02web.zoom.us/j/5184926117?pwd=UnFVWmdSZC9PK0JoN0xPTGMxd3pSQT09>

ID: 518 492 6117 Senha: babaji

Em Flor das Águas, Cunha, Brasil: Segunda a sexta: 6h30 às 7h30: *Kriya Hatha Yoga* e *asanas* de *Yoga* clássico: 7h30 às 8h10: *Pranayama*, meditação, leitura e *mantras* védicos. Em português. Contato: fabisamorim@hotmail.com

Na Índia: Domingo *Satsang*. 12h00 GMT+1 (14h00 CET) Duração: 60 a 90 minutos. https://www.babajiskriyayoga.net/english/pdfs/events/english_Intl-satsang-infotext-suday.pdf

Visite nosso site de comércio eletrônico www.babajiskriyayoga.net para comprar com seu VISA, American Express ou Mastercard todos os livros e outros produtos vendidos pelas Publicações de *Kriya Yoga* de Babaji, ou para doações à Ordem dos *Acharyas*. As informações do seu cartão de crédito são criptografadas e mantidas em segurança. Confira!

Inscreva-se no curso por correspondência, *The Grace of Babaji's Kriya Yoga*. Você está convidado a juntar-se a nós nesta aventura de auto-exploração e descoberta, extraída dos livros ditados por Babaji em 1952 e 1953. Receba pelo correio, todos os meses, uma lição de 18-24 páginas desenvolvendo um tema específico, com exercícios práticos. Para detalhes acesse aqui: http://www.babajiskriyayoga.net/english/bookstore.htm#grace_course

